



20º Congresso de Iniciação Científica

SABER POPULAR SOBRE PLANTAS: UM LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO EM ÁREAS RURAIS DE PIRACICABA / SP

Autor(es)

VIVIAN ZAMBON

Orientador(es)

KAYNA AGOSTINI

Apoio Financeiro

FAPIC/UNIMEP

1. Introdução

Nomear, classificar e ordenar sempre foram atividades comuns na vida do ser humano, devido à necessidade do homem em reconhecer e entender tudo o que o cerca. Segundo Lepsch (2002), o homem tende naturalmente a classificar os objetos com que lida, não sendo diferente com a natureza. O estudo das inter-relações estabelecidas entre homem e natureza é desenvolvido hoje através da disciplina etnobiologia.

A etnobotânica, sendo uma das vertentes da etnobiologia, procura estabelecer um estudo voltado à relação do homem com as plantas do seu meio. Situando-se entre ciências biológicas e ciências sociais, em especial a antropologia, ela aborda diferentes formas de interação e relação que grupos humanos possuem com a vegetação (AMOROZO, 2002). Populações rurais possuem um grande contato com a vegetação local e, portanto, um grande entendimento acerca das propriedades de plantas, destacando-se as medicinais e alimentícias. A compreensão do modo de utilização das plantas por determinados grupos e culturas, define o chamado saber local, o qual é indissociável aos contextos culturais e ambientais específicos de tal forma que é preciso compreender um pouco da lógica interna do grupo para poder apreciá-lo e avaliá-lo efetivamente (AMOROZO, 2002). O conhecimento popular sobre plantas medicinais por moradores rurais, muitas vezes se mostra a única opção para a manutenção da saúde. Entretanto, alguns fatores podem interromper algumas dessas práticas, como por exemplo, o deslocamento de pessoas das regiões rurais para urbanas, o que leva a extinção do conhecimento popular acumulado e transmitido há várias gerações (VALLE, 2002).

É preciso que haja cada vez mais a realização de trabalhos que busquem recuperar o conhecimento tradicional, havendo dessa forma grandes chances de dissipá-lo. Ming (2009) destaca que essa recuperação de saberes permite que outras pessoas possam fazer uso de espécies que anteriormente não utilizavam, aumentando o número de espécies úteis para os mais variados fins. Neste trabalho pretende-se identificar as principais plantas utilizadas pelas comunidades rurais de Piracicaba/SP, tendo em vista o modo de utilização das mesmas e como o conhecimento acerca da vegetação foi adquirido e é transmitido pelos moradores locais, de modo que esse material fique registrado e a disposição para posteriores consultas.

2. Objetivos

Considerando que o resgate de informações e saberes se faz de grande importância para o estudo a ser realizado, os objetivos deste estudo são:

- 1) Verificar quais as plantas utilizadas pelos moradores das áreas rurais;
- 2) Realizar um levantamento das plantas utilizadas nas áreas rurais pesquisadas;
- 3) Analisar, posteriormente, as amostras das espécies vegetais coletadas nos

locais pesquisados, para assim identificá-las taxonomicamente; conhecimento sobre as plantas utilizadas.

4) Verificar como os entrevistados obtiveram e repassam o

3. Desenvolvimento

Área de estudo Foi realizada previamente uma seleção das propriedades rurais que participaram do levantamento. A seleção ocorreu a partir dos seguintes critérios: a) Localização, onde foi dado preferência a propriedades rurais localizadas em áreas de difícil acesso à cidade, pois dessa forma há uma maior necessidade dos moradores em utilizar os recursos naturais do local; b) A quantidade de propriedades rurais vizinhas por bairro, para a realização da chamada informação cruzada, que consiste em submeter a outros informantes a informação fornecida por um dado informante, realizando dessa forma um confronto, em que as informações podem ser refutadas ou confirmadas (MONTENEGRO, 2001 apud ALBUQUERQUE et al., 2010). Seleção dos entrevistados Um total de 30 pessoas foram entrevistadas, sendo estas divididas igualmente entre o Bairro da Floresta, Paredão Vermelho e Arraial de São Bento. Os entrevistados foram selecionados levando-se em conta a idade, assim apenas maiores de dezoito anos participaram das entrevistas, ou seja, foi realizada uma amostragem não-probabilística, na qual os informantes são escolhidos de forma intencional. Entrevistas estruturadas Entrevistas estruturadas foram utilizadas. Nestas entrevistas foram utilizados questionários idênticos para todos os entrevistados, sendo possível dessa forma, a obtenção de dados quantitativos. Segundo Albuquerque et al. (2010), neste caso, o estímulo a ser dado a cada entrevistado deve ser o mesmo, isto é, cada informante é questionado sobre as mesmas perguntas previamente estabelecidas. Análise das plantas medicinais Para analisar o uso de plantas medicinais e verificar como o conhecimento sobre elas está sendo transmitido, foi utilizado o método denominado Nível de Fidelidade (Fidelity level FL), levando em conta o consenso dos informantes (FRIEDMAN et al., (1986), apud SILVA et al. 2010). Este método é baseado na concordância das respostas dos entrevistados para uma determinada indicação medicinal, indicando assim como está a distribuição desse conhecimento em um grupo social, sendo que, quanto mais próximo do valor um, maior é o consenso entre os informantes (SILVA et al., 2010). Coleta e identificação taxonômica das espécies vegetais Para realizar a coleta das espécies vegetais indicadas pelos entrevistados de forma eficiente, foi necessária a presença de quem a indicou, para que não houvesse a possibilidade de coletar espécies diferentes das citadas. Após a coleta, o material foi prensado e exsicatas foram confeccionadas. Os exemplares foram identificados com o auxílio de livros especializados e chaves de identificação botânica (JOLY, 1977) para o reconhecimento das espécies citadas.

4. Resultado e Discussão

Durante o período de trabalho, foram realizadas visitas a trinta propriedades rurais, sendo estas divididas igualmente entre Bairro da Floresta, Arraial de São Bento e Paredão Vermelho. Tais propriedades foram denominadas por seus moradores como chácaras, sítios e casas, nas quais se entrevistou apenas um morador de cada propriedade. Wanderley (2001) destaca que muitas vezes os agricultores optam por uma pluriatividade, ou seja, exercem alguma atividade extra-agrícola além das atividades já desenvolvidas na propriedade rural, garantindo dessa forma sua permanência no campo. Dentre os entrevistados, notou-se que houve uma maior participação de moradores do sexo feminino, cerca de 73%, o que reafirma o papel da mulher como mantenedora da casa e portadora de conhecimentos tradicionais, característico da cultura rural observada. Segundo Viertler (2002), toda sociedade humana, por mais simples que seja, tende a formar uma estrutura social característica. Quanto ao histórico da propriedade rural, a maior parte dos entrevistados afirma que o local onde residem foi totalmente modificado. As modificações incluem o tipo de lavoura, a criação de estradas nos bairros e a implementação de hortas e outras plantas em suas propriedades rurais, aumentando assim a variedade de espécies úteis. Segundo Amorozo (2012), essa variedade de espécies cultivadas pelo agricultor de subsistência é de grande importância para que, entre outros motivos, ele possa lidar com possíveis fatores que ponham em risco sua produção, como o aparecimento de uma praga, mudanças climáticas, entre outros. Sobre a transmissão do conhecimento sobre plantas, grande parte dos entrevistados afirma ter aprendido o que sabem com familiares próximos e distantes. Amorozo (2012) aponta que, em comunidades rurais, esse conhecimento é transmitido desde muito cedo, a partir do momento em que as crianças começam a acompanhar os adultos nas tarefas cotidianas do campo, e que dessa forma vão se habituando a plantar e raramente se desfazem de tal atividade, mesmo migrando para áreas urbanas. Calculando o método Nível de Fidelidade, percebeu-se que o mesmo foi alto para todas as plantas medicinais com mais citações, demonstrando que o conhecimento popular é transmitido de maneira quase inalterável pelos seus detentores. Foi coletado um total de 48 espécies vegetais. Ao todo, foram citadas 42 famílias botânicas e dentre estas, as espécies mais citadas foram: Lamiaceae (11 espécies citadas), Asteraceae (7 espécies citadas), Rosaceae (6 espécies citadas), Solanaceae e Myrtaceae (5 espécies citadas cada). Os resultados apontam a ocorrência de maior utilidade de espécies pertencentes à família Lamiaceae. Segundo Vianna (2009), a família Lamiaceae é uma das principais famílias botânicas que apresentam plantas medicinais e condimentares, sendo também uma das maiores famílias de Angiospermas. Souza & Lorenzi (2005) estimam que há 300 gêneros e 7.500 espécies contidas nesta família. Espécies da família Asteraceae também são bastante úteis, principalmente na medicina popular, e têm distribuição cosmopolita, por volta de 1.600 gêneros e 23.000 espécies (LIMA & SANTOS, 2006). Souza & Lorenzi (2005) apontam também a importância da família Rosaceae, que possui cerca de 100 gêneros e 3.000 espécies, e representa grande parte das frutas nativas e introduzidas no Brasil, demonstrando, portanto, destaque no campo

econômico do país. Conhecimento popular sobre plantas medicinais O uso popular de plantas medicinais é muito frequente em áreas rurais, onde o acesso a hospitais é, muitas vezes, dificultado pela distância. Albuquerque (2005) indica que a conexão entre pessoas e plantas não se dá somente no nível médico ou terapêutico, mas também em nível mágico-religioso, como é possível notar em determinadas citações dos entrevistados. Neste aspecto, alguns entrevistados demonstraram possuir crenças ligadas a determinadas espécies vegetais. A espécie *Ruta graveolens* L., conhecida popularmente como arruda, é uma das espécies mais citadas na categoria ritual-religioso, na qual é indicada principalmente para tirar mau-olhado. Segundo Lorenzi & Matos (2008), essa planta é tida como mágica desde a antiguidade e era utilizada em rituais de proteção ao homem e crianças, agindo contra mau-olhado e defesa contra doenças e que, atualmente muitas famílias brasileiras ainda mantêm viva essa crença. Outra espécie citada nesta categoria foi a *Petiveria alliacea* L., conhecida popularmente como guiné, e utilizada para banho de descarrego e defumação. Lorenzi & Matos (2008) apontam que essa espécie é cultivada em todas as regiões tropicais do Brasil para fins ornamentais, místicos e medicinais, e tem maior destaque nas regiões de influência da umbanda. Os autores complementam, dizendo que no Brasil colonial, os escravos chamavam a guiné de remédio-de-amansar-senhor, o que remonta às suas propriedades tóxicas, se ingerida em doses elevadas. É possível verificar na medicina tradicional muitas semelhanças entre as indicações terapêuticas populares de determinadas espécies com as indicações encontradas em referências bibliográficas científicas. Para Rudder (2002), esse conhecimento empírico, adquirido no cotidiano e transmitido através de gerações, está na origem de todas as medicinas, tanto a primitiva como a atual.

5. Considerações Finais

A experimentação empírica, geradora de saberes e mantenedora de tradições está sofrendo atualmente riscos de restrição e desaparecimento. O êxodo rural ocorrido nas últimas décadas desperta a necessidade da recuperação e resgate de informações provenientes de pessoas que ainda mantêm a prática do cultivo caseiro de plantas, bem como as utilizam para variados fins. Através do presente trabalho foi possível notar que a transmissão do conhecimento popular não está ocorrendo de forma efetiva, o que representa uma grande probabilidade de perda do mesmo. Entretanto, notou-se também a grande riqueza vegetal que é utilizada e cultivada pelos moradores das áreas estudadas, os quais possuem um grande comprometimento com o meio em que vivem.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, U. P. de. Introdução à Etnobotânica. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 80p.

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. 1. ed. Recife: NUPEEA, 2010. 559p.

AMOROZO, M. C. M. 2002. A perspectiva etnobotânica na conservação de biodiversidade. In: Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo, XIV, Rio Claro: UNESP, 2002. 2p.

AMOROZO, M. C. M. Sistemas agrícolas tradicionais e a conservação da agrobiodiversidade. Disponível em: . Acesso em 10 jan. 2012.

JOLY, A. B. Botânica: Introdução a Taxonomia Vegetal. 6. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977. 159p.

LEPSCH, I. F. Formação e Conservação dos Solos. São Paulo: Oficina de Textos, 2002. 216p.

LIMA, M. R. & Santos, M. R. A. Aspectos etnobotânicos da medicina popular no município de Buritis, Rondônia. Revista Fitos, Porto Velho, v. 2, n. 2, 2006.

LORENZI, H. & MATOS, F. J. de A. Plantas medicinais no Brasil Nativas e Exóticas. 2. ed. Nova Odessa: Plantarum, 2008. 544p.

MING, L. C. A etnobotânica na recuperação do conhecimento popular. Disponível em: Acesso em: 30 jan. 2011.

RUDDER, E. A. M. C. de. Guia compacto das plantas medicinais. São Paulo: Rideel, 2002. 478p.

SILVA, V. A. da; NASCIMENTO, V. T. do; SOLDATI, G. T.; MEDEIROS, M. F. T.; ALBUQUERQUE, U. P. de. Técnicas para análise de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. 1. ed. Recife: NUPEEA, 2010. p. 187-206.

SOUZA, V. C. & LORENZI, H. Botânica Sistemática. Guia ilustrado de identificação das famílias de angiospermas da flora

brasileira, baseado em APG II. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda., 2005. 640p.

VALLE, T. L. Coleta de germoplasma de plantas cultivadas. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Ed.). Métodos na coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro: Unesp, 2002. p. 129 154.

VIANNA, J. S. Caracterização anatômica, morfológica e química de quimiotipos de *Ocimum gratissimum* Lineu. Dissertação de Mestrado Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Ed.). Métodos na coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro: Unesp, 2002. P. 31 46.

WANDERLEY, M. de N. B. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: Una nueva ruralidad en América Latina? GIARRACCA, N. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2001.